



Cláudio Martins

Ilustração da capa da 4ª edição de O amanuense Belmiro de
Ciro dos Anjos.

ALUSÕES ARTÍSTICO- FILOSÓFICAS EM CYRO DOS ANJOS*

Maria Patrícia Cândido
Hetti*

Universidade de São Paulo

RESUMO: Um dos traços significativos da obra de Cyro dos Anjos é o mecanismo empregado para construir seus textos ficcionais: seus romances exibem reflexões da sociologia, da filosofia e da própria literatura (nacional e estrangeira). Este artigo analisa estas reflexões, as alusões artístico-filosóficas incorporadas no romance *O Amanuense Belmiro* e as relações entre a problemática especificamente local e o pensamento moderno europeu e norte-americano na década de 30.

Palavras-chave: literatura brasileira, filosofia, Cyro dos Anjos, *O Amanuense Belmiro*.

ABSTRACT: *One of the significant features of Cyro dos Anjos's work is the mechanism used to compose his fictional texts: his novels present reflections about Sociology, Philosophy, and of Literature itself (national and international). This article analyses such reflections, the artistic and philosophical allusions incorporated in the novel O Amanuense Belmiro and the relations between the set of problems specifically local and the modern European and American thought in the 1930s.*

Keywords: brazilian literature, philosophy, Cyro dos Anjos, *O Amanuense Belmiro*.

Introdução

De acordo com uma importante vertente da crítica, a marca significativa das obras de Cyro dos Anjos é apresentar a problemática transição do Brasil oligárquico rural para o urbano, com a eclosão de um novo arranjo político-social nos anos 30, introduzindo o Brasil, abruptamente, no capitalismo moderno.

Outro traço significativo é o mecanismo empregado para construir seus textos ficcionais: seus romances exibem reflexões da sociologia, da filosofia e da própria literatura (nacional e estrangeira) em cada frase, fala e reflexão dos personagens, tornando evidente as relações entre a problemática especificamente local, no período, e o pensamento moderno europeu e norte-americano. Há, assim, o compartilhar de uma situação dos literatos brasileiros com a discussão proporcionada pelos pensadores estrangeiros sobre a modernização, embora este se dê aqui em termos diversos.

Em *O Amanuense Belmiro*, obra de cunho subjetivo, evidenciam-se reflexões que não afloram do reino da intuição, mas construídas e

* Recebido em julho 2005.

* E-mail: patricia.hetti@uol.com.br

Mestranda do Departamento de Literaturas Clássicas e Vernáculas da FFLCH - USP.

alicerçadas por textos literários e filosóficos frequentemente citados em seus romances. Há citações explícitas de autores como Kant, Keyserling, Platão, Marx, Stendhal, Tolstói, Schopenhauer, Hegel, Bergson, Freud, Nietzsche, Dostoiévsky, Spengler e Goethe entre outros. Além disso, há ainda idéias que remetem a alguns sistemas filosóficos, embora sem referência expressa de autoria.

Todas essas alusões artístico-filosóficas são incorporadas aos seus romances, escritos “à luz meridiana da análise”¹. As discussões, como são conduzidas, num misto de humor e melancolia, expõem, já nessa alternância de registros, o teor paradoxal adquirido pelo conhecimento para o escritor. Se, em geral, é a falta de conhecimento que tolhe a ação humana, ele demonstra como o entendimento e o excesso de reflexão conduzem, também, à imobilidade.

Este psicólogo lírico, como Antonio Candido o denominou, traduz o problema mais geral do intelectual no Brasil da década de 1930. O protagonista em *O amanuense Belmiro* leva a pensar no destino dos homens de pensamento e do artista numa sociedade onde as condições de vida oferecidas a eles impossibilitam a ação. De maneira que o agir para expansão da vida só se pode dar no campo inofensivo da literatura. Do contrário, o intelectual seguirá o caminho de adequação e convivência com a elite com a situação reinante ou o status quo:

Assim, Cyro dos Anjos nos leva a pensar no destino do intelectual na sociedade, que até aqui tem movido uma conspiração geral para belmirizá-lo, para confiná-lo nas esferas em que o

pensamento, absorto nas donzelas Arabelas, nas Vilas Carafbas do passado, na autocontemplação, não apresenta virulência alguma que possa por diretamente em xeque a ela, sociedade organizada. Criando-lhe condições de vida mais ou menos abafantes, explorando metodicamente os seus complexos e cacoetes, os poderosos deste mundo só deixam em paz quando ele se expande nos campos geralmente inofensivos da literatura personalista, ou quando entra reverente no seu séqüito.²

Dentro de uma perspectiva próxima a de Antonio Candido, Roberto Schwarz assinala a alteração do panorama vivido pelo filho de fazendeiro e amanuense como sendo o principal conflito que irá permear todo o romance. A problemática vivida por esse exemplo de fazendeiro do ar, para empregar a famosa expressão cunhada por Drummond, é o reflexo da situação de muitos dos intelectuais brasileiros, vinculados à oligarquia decadente, encontrando refúgio no serviço público contra a ameaça da total desclassificação social e vivenciando os conflitos decorrentes dessa posição: a oposição entre dois modos de vida, o rural e o urbano; o choque entre passado e presente e, nos mais conscientes ou engajados politicamente, o embate entre o repúdio à ideologia e concomitante dependência do aparelho de Estado.

No dizer do crítico, as considerações apresentadas na obra de Cyro dos Anjos estão:

... imbricadas com a passagem do campo para a cidade, da fazenda à burocracia, da ordem familiar à roda dos amigos cidadão...³.

2 CANDIDO, Antonio. “Estratégia” IN ANJOS, Cyro dos. *O Amanuense Belmiro*, Belo Horizonte: Livrari Garmu, 2000, p.17.

3 SCHWARZ, Roberto. “Sobre o Amanuense Belmiro”, IN *O Pai de Família e Outros Estudos*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 17.

É fácil verificar que o cenário vivido por Belmiro é o mesmo de toda uma geração na década de 30. Daí a relação, por exemplo, entre o romance de Cyro dos Anjos e a poesia de Carlos Drummond, evidenciada por Roberto Schwarz ao afirmar que “O Amanuense Belmiro poderia ser denominado de Brejo das Almas, porém com graça”. As semelhanças são, também, examinadas por John Gledson, ao confrontar as duas obras e observar que há uma situação compartilhada pelos intelectuais dos anos 30, responsável por uma crise traduzida na indecisão ideológica, produzindo oscilações entre a opção pela participação social e o processo de interiorização do ser. O conflito explícito na produção dos intelectuais do período é ainda assinalada por Vagner Camilo no artigo “Uma Poética da Indecisão: Brejo das Almas”, ao analisar o caso específico do poeta Carlos Drummond de Andrade e sua irresolução em “face das exigências de alinhamento político-ideológico da intelectualidade dos anos 30”⁴

Partindo do “pressuposto” de John Gledson e de Vagner Camilo, quando analisam o livro drummondiano de 1934, propõe-se aqui a retomar as discussões sobre o romance de 1935 de Cyro dos Anjos, aprofundando as oscilações e incertezas do protagonista diante das soluções possíveis para a vida. As leis e as regras morais, e os caminhos a serem seguidos que, até então, pareciam indefectíveis, duradouros, rompem-se, pois já não há certezas e verdades a serem adotadas. Os personagens que formam a roda de amigos citadinos encarnarão, nesse sentido, as principais linhas políticas-ideológicas oferecidas

pelo contexto, em relação as quais o protagonista encenará os seus dilemas.

O conflito de Belmiro no que se refere à própria literatura, aparente desfecho para o impasse e as oscilações do personagem. A solução estaria, como afirma Antonio Candido, na combinação perfeita de Belmiro entre o lirismo e a análise, chamando-o, assim, à vida. Ora é o lirismo ora é a análise que propiciam as possibilidades do agir. Observa o crítico que o lirismo de Belmiro o salva do ceticismo integral e da imobilidade diante do relativismo. No entanto, Gledson assevera que, se a expressão por meio da literatura causa alívio e diminui a angústia dos autores do período, simultaneamente origina desconfiança. No caso de O amanuense Belmiro, o impasse continuaria e o indivíduo torna-se incapaz de elaborar um novo projeto. Portanto, o entendimento sobre a possibilidade de salvação por meio da literatura, examinando as concepções suscitadas na obra de Cyro dos Anjos, torna-se um elemento essencial para compreender a alternativa de ação proposta para e pelos intelectuais do Brasil na década de 1930.

1. Cyro dos Anjos no contexto histórico do romance de 30

As mudanças estruturais ocorridas no mundo e no Brasil no final do século XIX e início do XX marcaram uma nova etapa da modernidade. A segunda metade do XIX foi o momento do mais alto crescimento econômico na história até então, trazendo com ele alterações sociais, culturais, intelectuais significativas, vinculadas a um mundo em rápida transformação, com um alto grau de aceleração industrial e tecnológica, além do crescimento urbano e o estabelecimento de um modelo de vida social a caminha da massificação.

4 CAMILO, Vagner. “Uma Poética da Indecisão: Brejo das Almas”, *Novos Estudos*, 57, julho de 2000.

Com a ascensão da burguesia e sua traição em relação ao proletariado, massacrado nas barricadas de junho de 1848 (o pecado original da burguesia, no dizer de Sartre), tem-se a hegemonia do modo de produção associado à nova classe no poder.

De acordo com Hobsbawn, a “Revolução dos Povos” foi a primeira e última revolução européia no sentido (quase) literal, a realização momentânea dos sonhos de esquerda, os pesadelos de direita e a derrubada virtualmente simultânea de velhos regimes da Europa continental a oeste dos impérios russo e turco, de Copenhague a Palermo, de Brasov a Barcelona”.⁵ Mas o fracasso de junho de 1848 faria com que os movimentos revolucionários socialistas e comunistas somente retornassem no século XX e se concentrassem nas chamadas regiões marginais.

Assim, sem a resistência de um proletariado organizado, a marca do século XIX foi o enorme crescimento econômico e tecnológico. A expansão da economia chega, para algumas regiões da Europa, a atingir 260% de crescimento ao ano⁶.

A idéia de progresso, para os homens de negócio, era algo inquestionável e inevitável. A industrialização foi acompanhada do aumento da população urbana. A nova sociedade está marcada pela produção em grande escala para um mercado de massa. Nasce o setor publicitário e a indústria de diversão. A nova configuração econômica produziria um mundo bem diferente daquele que se esperava, talvez o seu oposto.

O capitalismo se consolidava, assim, e a Europa dominava o mundo. Apenas dois países tinham independência em relação a esse centro econômico mundial: EUA e Japão. O restante do mundo estava subordinado ao imperialismo europeu. Esse imperialismo, inclusive, como bem observa Alan Bullock, “não era apenas um sistema de poder político e exploração econômica: era também uma ideologia, uma fé, fascinando, igualmente intelectuais e escritores, homens de negócios e soldados, missionários e políticos”.⁷

O que Bullock busca demonstrar com isso é que às transformações que marcaram a modernidade no campo econômico encontram correlatos na profunda ruptura que o campo cultural já esboçava no século XIX e atinge a mais alta vitalidade em 1900. Enfocando a segunda imagem da modernidade, o mundo passou a ser profundamente alterado no campo da literatura, artes cênicas, artes e arquitetura; nas ciências naturais e na abertura de novos campos do pensamento: genética, física, psicologia, sociologia. Elas reverberam grandes alterações no plano das idéias, na reformulação de uma nova moral, na política e na técnica, numa velocidade até então desconhecida. Esta dupla imagem da modernidade captada por Allan Bullock parece ser mais propícia e, apesar da correlação, a menos determinista para a análise deste momento.

Este processo de modernização no Brasil é peculiar, pois a passagem do modo social dominado por uma oligarquia agroexportadora e permeada por relações patriarcais que datam do período colonial para um capitalista moderno é

5 HOBBSAWN, Eric. *Era do Capital (1848 - 1875)*, trad. De Luciano Costa Neto, Rio de Janeiro: Paz e terra S/A, 3 ed., 1982, p. 22.

6 HOBBSAWN, Eric. *Era do Capital (1848 - 1875)*, trad. De Luciano Costa Neto, Rio de Janeiro: Paz e terra S/A, 3 ed., 1982, p. 54.

7 Alan Bullock. *A Dupla Imagem* IN Malcolm Bradbury, *Modernismos*, p. 46.

realizada de tal maneira que a nova sociedade terá elementos dos dois modelos econômico-sociais.

No curso das últimas décadas do século XIX e início do século XX, o país não deixou de ser eminentemente agrícola e voltado para a exportação de produtos primários, apesar de se notar uma mudança no setor: o deslocamento do eixo econômico para o centro-sul, a substituição da mão-de-obra escrava pelo trabalho livre, o surgimento do complexo ferroviário para atender a demanda dos produtos na região do oeste paulista e o importante e significativo fenômeno da urbanização.

As cidades começam a adquirir uma característica diferenciada, particularmente São Paulo. Há uma nova mão-de-obra, um capital advindo do setor agroexportador que irão estimular o crescimento urbano.

Outro setor importante foi a indústria, apesar do avanço alcançado, era incipiente e dependia de vários equipamentos importados para o seu aprimoramento. Podemos apontar como marcos do surto industrial a Primeira Guerra Mundial e uma certa tentativa do Estado, a partir dos anos 20, de superar os limites da expansão industrial⁸. Não significa que ele tenha adotado uma política deliberada de desenvolvimento e fomento à indústria, mas também não foi nenhum adversário do processo de expansão e crescimento indústria. Surgiram, por exemplo, duas importantes empresas: uma em Minas Gerais, a siderúrgica Belgo-Mineira, que iniciou sua produção em 1924 e a Companhia de Cimento Portland em São Paulo, cuja produção começou em 1926.

8 FAUSTO, Boris. *História do Brasil*, 9 ed, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 20001. (Diadática1), p. 288.

O processo histórico de desenvolvimento econômico, iniciado no final do século XIX e enfatizado após a Primeira Guerra será também uma das faces de nossa modernização, sendo a outra vinculada à arte e pensamento impregnando o espírito dos intelectuais brasileiros.

Mas transformações trazidas pela modernização tornar-se-ão mais claras no Brasil a partir da década de 30. As novas relações instauradas pelo mundo moderno irão atingir outras cidades e entre elas Belo Horizonte, pois a incorporação da nova atitude que o modo de produção capitalista exigia tornou-se a base da construção e da concepção da nova capital mineira. Surge, portanto, um modelo urbanístico inspirado principalmente no do barão francês Haussmann, gestado no contexto das metrópoles capitalistas industriais em formação, em que a luta de classes já havia tomado as ruas, desde as barricadas da primeira metade do século XIX. Esse, aliás, já tinha sido o modelo, como se sabe, da reforma urbanística de Pereira Passos no Rio de Janeiro na primeira década do século XX.

Apesar do esforço de negação do passado que há nos modelos urbanísticos inspirados nos projetos europeus, não se pode incorrer em uma análise simplista ao afirmar que desaparece por completo o modelo e a estrutura anteriores. Assim, o projeto de Belo Horizonte foi marcado pela dualidade, cuja presença mercantil metalista do século XVIII não desapareceu por completo diante da reconfiguração moderna, ocorrendo uma combinação das forças tradicionais com as forças insurgentes do novo modo de produção capitalista.

O caso mineiro assinala uma representação de ruptura com o passado, propondo-se inovador e moderno dentro da perspectiva republicana e

iluminista do século XVIII e XIX que tentava solapar a estrutura colonial. Como analisa Monte-Mórl:

A construção de uma nova capital - uma capital republicana - para Minas Gerais é parte do esforço de criar uma cidade política (e industrial) que retomasse a precoce modernidade negada do projeto republicano inconfidente de um século atrás, uma resposta à marginalização sofrida pelo esvaziamento do projeto urbano-industrial mineiro. Sua ruptura urbanística com a tradição colonial mineira e seu abraço à modernidade franco-americana representam uma negação do passado, mas expressam também uma renovação da modernidade mineira.⁹

Belo Horizonte respondeu ao modelo da modernidade sem deixar de lado os interesses dos agricultores e pecuaristas das Gerais. Tornou-se uma cidade que conciliaria a nova e a velha elite. Seu projeto foi assentado para atender aos interesses de uma burguesia e classe médias urbanas ainda incipientes. Dessa forma, há uma exclusão das classes que não teriam seus interesses e necessidades atendidas, pois a infra-estrutura e os serviços modernos previstos para a cidade não garantiriam um espaço aos indivíduos menos favorecidos. Como afirma Monte-Mórl, a estratégia de poder gestada na Europa, de exclusão do proletariado, aqui já se concretizava, antes mesmo da consolidação desta classe.

No Brasil do fim de século XIX - e em Minas Gerais em particular - o simulacro antecedeu a realidade; a estratégia carecia de conteúdo de classe e se transformou no kitsch

urbano, na criação de uma forma fácil esvaziada da função/conteúdo que lhe daria sentido.

Assim, ao modelo barroco metropolitano se contrapôs uma sociedade provinciana pré-industrial, cujo poder estava centrado nas fazendas do café e do leite, além de uma pequena burguesia urbana em formação e um proletariado (e lumpen) nascente, herdeiros da massa de excluídos que caracterizou a sociedade mineira (e brasileira) desde os Emboabas. Portanto, a adoção da estratégia da exclusão social antecedeu o conflito urbano de classes manifesto no espaço do poder e projetou uma cidade onde a priori as contradições e conflitos de classe seriam negados, a serem superados na organização espacial a um só tempo conservadora e progressista.¹⁰

A cidade que segregava também permitiu um espaço para a discussão intelectual, pois estava razoavelmente equipada para incrementar e sustentar os bacharéis que emergiam de maneira mais consistente no meio urbano. Em Belo Horizonte havia, como afirma Fernando Correia Dias,¹¹ uma imprensa oficial, várias escolas superiores, Academia de Letras e, na Rua Bahia, a Livraria Alves que abarrotava Minas com livros franceses. Soma-se a isso o contato que esses intelectuais vão ter com os modernistas paulistas. Nesse ambiente surge o grupo modernista mineiro que adquiriu solidez e organização a partir de alguns aspectos ligados às trocas de experiências propiciadas pela cidade planejada, como o vínculo de seus membros ao jornalismo ou ao serviço público, e a sociabilidade intelectual e literária cultivada nas escolas, bares e livrarias.

¹⁰ *Ibid.*, p.4.

¹¹ DIAS, Fernando Correia. Gênese e Expressão Grupal do Modernismo em Minas, p. 167.

⁹ MONTE-MÓRL, Roberto Luiz. Belo Horizonte, Capital de Minas, século XXI, p.3.

Dentro dessa nova estrutura que se apresentava, Cyro dos Anjos inicia sua carreira no Diário de Minas com companheiros como Carlos Drummond de Andrade, João Alphonsus, Afonso Arinos, Pedro Nava e tantos outros. O jornal em Belo Horizonte aglutinava os adeptos locais do movimento modernista mineiro e foi um dos pontos de encontro dos escritores da nova geração mineira.

Debruçar-se sobre o momento de modernização no Brasil dos anos 30 que atinge todas as áreas e especialmente a literatura suscita uma reflexão adensada sobre esse processo vivido tanto pela coletividade como pelo indivíduo. Em vários setores, as mudanças iam se esboçando e adquirindo um contorno mais nítido a partir de 30. A Revolução de 1930 tornou-se um marco político culminante de um processo de modificação que a sociedade brasileira vinha sofrendo. No que tange ao aspecto cultural, o Brasil conhecerá, no período, alterações significativas na educação, literatura, música, literatura, dramaturgia, música, mercado editorial, etc.

Na literatura percebe-se a consolidação ou assimilação das propostas de vanguarda introduzidas nos anos 20. O que, na década anterior, era visto como forma de contestação das convenções temáticas e formais herdadas da tradição, em 30, foi incorporado com um direito adquirido¹². Desta maneira, percebemos duas faces de renovação do modernismo na literatura: uma ligada à atualização e experimentação foram e outra ligada à ideologia e à abordagem de novos temas. Esta divisão também examinada por

Candido tornou-se famosa pelos termos com que João Luiz Lafetá, em 1930: a crítica e o Modernismo, de projeto estético formal e projeto ideológico. De acordo com o crítico, a nova estética de 1920, ao introduzir um projeto modificador da linguagem não estava alheia ao ideológico. Temos de encará-la de forma dialética para melhor compreensão do período e das próprias obras. A proposta está em renovar o olhar sobre as coisas em todos os sentidos, convertendo a experimentação estética formal associada a um projeto revolucionário de encarar as coisas e objetos. Um novo projeto ideológico está inserido em um novo dizer sobre as coisas.

Esta relação entre o estético e o ideológico parece não se tornar tão simples. O equilíbrio entre as duas dimensões vai se rompendo na medida em que analisamos a produção dos anos 30. A necessidade de inovação que os modernistas do primeiro momento vivenciaram, se por um lado propiciaram a renovação, por outro correram o risco de vê-la cristalizada em certos modismos comprometedores.

Lafetá considera este um momento importante da literatura, pois nos oferece uma produção do mais alto grau delineando produções alijadas de uma linguagem recheada de cacoetes exagerados dos anos 20 e produções mais preocupadas com os aspectos temático-ideológicos. Entretanto há duas ressalvas feitas por Lafetá, advertindo para o poder da ideologia conservadora de se disfarçar em formas novas, apresentando o velho como novo. Assim, as rupturas da linguagem, em algumas obras, podem ser vista como um romper do passado de maneira parcial e não total. Além disso, diz ele, a ênfase que vai sendo depositada no plano temático

12 CANDIDO, Antonio. "A Revolução de 1930 e a Cultura" IN A Educação pela Noite, p. 184.

conduziu uma parte de nossa produção literária a uma diluição da preocupação estética; produções tanto de esquerda quanto de direita, preocupadas essencialmente com a questão temática levaram ao extremo a defesa de determinados projetos ideológicos em detrimento do aspecto formal.¹³

No decênio de 30 grande parte dos projetos ideológicos estava orientada no sentido de construção de uma nacionalidade, de um caráter nacional. Há, no Brasil, uma coincidência na revolução estética, solicitando a incorporação do popular na arte, e ideológica, valorizando o arcaico, o tradicional para consolidação do desígnio do Brasil que as elites tanto desejavam.

Diante deste aspecto evidenciado no período, a função social como elemento intrínseco da literatura é valorizado, desencadeando uma produção regional, uma valorização do popular cujo âmbito e significado será estendido para o nacional. A problemática da identidade nacional, sendo uma tendência na literatura da geração de 30, foi formulada, de acordo com Fernando Gil Cerisara, de dois modos: o primeiro acredita na idéia do país dual, tendo um caráter positivo a brasilidade formada pelos elementos pré-burgueses, ou até pré-cabralinos, com o modelo da sociedade industrial.

O segundo modo consiste em incorporar concepções materialistas-históricas e teleológicas da sociedade, exigindo uma “acentuada temporalidade

histórica na criação literária”.¹⁴ Portanto, a brasilidade só estaria configurada de maneira consistente após o desenvolvimento das forças produtivas e a incorporação das massas à vida moderna. As tendências, ligadas a um movimento progressista e vinculadas à várias matizes políticas, apresentam programas que caminham para uma visão finalista, manifestando a idéia de um futuro de concreção da civilização brasileira. Esta análise aproxima-se ao modelo proposto por Lafetá ao classificar a geração de 30 como aquela que continha um projeto ideológico.

Verificamos que esta tendência permitiu a aproximação entre a literatura e a sociologia, e o “romance social” ou “regional” tornou-se “o romance por excelência”. Esta produção regionalista, política, engajada durante muito tempo foi tida como a marca do período. No entanto, um olhar mais detido sobre a década e toda a sua produção cultural, demonstra a complexidade das criações que surgem na ocasião. Temos o romance subjetivo e o objetivo, sendo o primeiro baseado na análise interior do indivíduo, enquanto o segundo tipo, o romance social, seria o tom dominante da literatura da década de 30. Como assevera John Gledson,¹⁵ os críticos perceberam a heterogeneidade do período, que tornava impossível rotular alguns romances puramente dentro da perspectiva do social¹⁶.

14 *Ibid.*, p. 28.

15 GLEDSON, John. O funcionário público como narrador: O amanuense Belmiro e Angústia, 2003.

16 Como se sabe, a própria historiografia já havia sido posto em xeque a oposição simplista entre romance psicológico e romance social, como se pode notar, por exemplo, em Alfredo Bosi (**História Concisa da Literatura Brasileira**), que propunha, em vez disso, uma nova tipologia, inspirada em Lucien Goldmann para sistematizar os graus e formas de tensão da ficção de 30.

13 É bem verdade que, apesar do ideologismo extremos e as descon siderações para com a experimentação da forma que marcou uma parte considerável da produção da década –, nos melhores poetas e romancistas do período (alguns oriundos da década anterior), esse risco foi sendo superado, possibilitando, assim, certo amadurecimento quanto à linguagem e a um compreensão mais adensada e reflexiva sobre a realidade e os temas em pauta.

Assim, ao tentar classificar os romances de Cyro dos Anjos, especialmente *O Amanuense Belmiro*, deve-se permanecer distante dos pressupostos gerais de classificação das tendências hegemônicas do modernismo na década de 30, o que vale dizer da idéia de construção de uma nacionalidade e de um projeto de futuro para o Brasil. O romance de Cyro dos Anjos não apresentará a idéia de uma redescoberta do Brasil partindo da discussão sobre o nosso passado colonial, ou da busca de nossa identidade tendo como modelo de relações baseadas nas ligações com a terra. Mais do que se apresentar como antípoda do projeto de brasilidade, o romance aponta o modelo da prosa da modernidade, justamente para sinalizar os impasses e limites dessa modernização entre nós, seguindo na contramão de um projeto para o Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Cyro dos. **O Amanuense Belmiro**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1957.

_____. **Abdias**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1957.

_____. **A menina do Sobrado**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1994.

_____. **A Montanha**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1956.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: sd. Cultrix, 1994.

_____. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

CAMILO, Vagner. **Drummond: Da Rosa do Povo à Rosa das Trevas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. Uma Poética da Indecisão: Brejo das Almas IN **Novos estudos**, 57, julho , 2000.

CANDIDO, Antonio. Estratégia IN ANJOS, Cyro dos. **O Amanuense Belmiro**, Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2000.

_____. **A Educação Pela Noite e Outros Ensaios**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

CARDOSO, Patrícia da Silva. **Ficção e Memória em O Amanuense Belmiro**. Campinas: Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da linguagem da Universidade Estadual de Campinas 1994.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**, 9 ed, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2001. (Diadática 1).

HOBSBAWN, Eric **Era do Capital** (1848 - 1875), trad. De Luciano Costa Neto, Rio de Janeiro: Paz e terra S/A, 3 ed. , 1982, p. 22.

LAFETÁ, João Luiz. **1930: A Crítica e o Modernismo**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

----- . **A Dimensão da Noite e outros Ensaios.** org Antonio Arnoni Prado, São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2004.

NIETZSCHE, F. **Além do Bem e do Mal.** Trad. Paulo César de Souza Cia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral: Uma Polêmica.** Trad. Paulo César de Souza, São Paulo, Cia das Letras, 2003.

NIETZSCHE, F. **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo.** Trad. J. Guinsburg, São Paulo, Cia das Letras, 2003.

MONTE-MÓRL, Roberto Luiz . Belo Horizonte, Capital de Minas, século XXI Belo Horizonte – Brasil –Escola de Governo da Fundação João Pinheiro. Curso de Gestão Urbana e de Cidades, 14 a 25 de maio de 2001

NUNES, Benedito. Filosofia e Literatura, in **No Tempo do Nihilismo e outros escritos.**

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. “Identidade Cultural, Identidade Nacional no Brasil” IN **Tempo Social, Ver. Sociologia USP, Sã Paulo,1 (1):29-46, 1.sem.1989.**

SARTRE, Jen Paul. **Que é a literatura.** Trad. Carlos Felipe Moisés, São Paulo: Ed. Ática, 2004.

SCHWARZ, Roberto. Sobre o Amanuense Belmiro IN **O Pai de Família e Outros Estudos,** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

SCHWARZ, Roberto. **Sequências Brasileira: ensaios.** São Paulo: Cia das Letras, 1999.